

Curso de Pós-graduação em Educação Ambiental

O FILME AVATAR

COMO TEMA GERADOR DAS AULAS

DE MEIO AMBIENTE.

ADALBERTO ALABARCE¹

RESUMO

1 Adalberto Alabarce - Acadêmico do Curso de Pós Graduação em Educação Ambiental pela FACON – Faculdade de Conchas.

qp.ace@bol.com.br

2 Gilberto Cabral da Costa. Prof. MSc. Orientador. Responsável Pedagógico – Pós-Graduação e Extensão Universitária – EQUATEC – Educação com Qualidade e Tecnologia. FACON – Faculdade de Conchas.

gilbertocabral.academico@gmail.com

Este artigo contribui para a discussão de como a questão ambiental foi tratada nas obras cinematográficas e propõe uma reflexão sobre o uso do cinema nas aulas Meio Ambiente, buscando mostrar como esse gênero textual pode constituir-se em importante recurso didático na análise e compreensão dos fenômenos ambientais. Procurando não apenas contextualizar a sua trama, mas situá-la a partir dos próprios referenciais que lhe serviram de base. Nesse sentido, a proposta aqui apresentada é buscar contemplar temáticas que evidenciam as dinâmicas espaciais advindas dos conflitos e das contradições que perpassam a relação sociedade-natureza, considerando, sobretudo, as formas de apropriação dos recursos naturais pelo trabalho humano em diferentes tempos e espaços.

PALAVRAS-CHAVE: Avatar. Ambiente. Reflexão. Educação.

SUMMARY

-
1. Adalberto Alabarce. Academic Postgraduate course in environmental education by FACON-Faculty of shells.

qp.ace@bol.com.br

1. Gilberto Cabral da Costa. Prof. MSc. Thesis Advisor. Responsible Teaching-graduate studies and University extension – EQUATEC – education with quality and technology. FACON-Faculty of shells.

gilbertocabral.academico@gmail.com

This article contributes to the discussion of how the environmental issue was handled in the cinematographic and proposes a reflection on the use of cinema in the school Environment, seeking to show how this text might constitute important educational resource in the analysis and understanding of environmental phenomena. Looking not just to contextualise his plot, but situate it from their own benchmarks that you used. In this sense, the proposal presented here is get contemplate that highlight the dynamic spatial themes arising from the conflicts and contradictions that permeate the society-nature relationship, considering, in particular, the forms of appropriation of natural resources by human labor in different times and spaces.

KEYWORDS: Avatar. Environment. Reflection. Education.

1 INTRODUÇÃO

*Por se maravilharem, os homens, tanto agora como no passado,
começaram a filosofar, a princípio maravilhando-se
com as dificuldades mais imediatas, e depois,
avançando pouco a pouco, procuram resolver problemas maiores,
como os que se referem aos fenômenos da Lua, do Sol e das estrelas,
e por fim procuraram descobrir a gênese do universo.
Quem se depara com uma dificuldade e se admira reconhece
sua própria ignorância (e por isso o amante de mitos é
também de certo modo filósofo, pois o mito é composto de maravilhas).*

ARISTÓTELES

Este artigo possibilita a discussão de como a questão ambiental e o filme Avatar propõe uma reflexão sobre o uso de filmes nas aulas de Meio Ambiente, buscando mostrar como esse gênero textual pode constituir-se em importante recurso didático na análise e compreensão dos fenômenos ambientais.

Segundo a professora PONTUSCHKA (2007, p. 272):

Um filme por si só não é capaz de fazer aflorar os conceitos fundadores do Meio Ambiente. Entretanto, por meio da linguagem cinematográfica, é possível que estudantes e professores sejam levados a aprofundar e ampliar, com o auxílio de outras linguagens, o conhecimento geográfico.

Daí a importância de se estabelecer um exercício reflexivo em torno da linha narrativa do filme, procurando não apenas contextualizar a sua trama, mas situá-la a partir dos próprios referenciais que lhe serviram de base.

Nesse sentido, a proposta deste trabalho é auxiliar na busca temática que evidencia as dinâmicas espaciais advindas dos conflitos e das contradições que perpassam a relação sociedade-natureza, considerando, sobretudo, as formas de apropriação dos recursos naturais pelo trabalho humano em diferentes tempos e espaços.

Segundo a crítica especializada, ao abordar a conflituosa relação que o ser humano estabelece com o Meio Ambiente e com a tecnologia que cria para mediar esse relacionamento, o diretor americano James Cameron inovou o gênero da ficção científica. Reconhecidamente, Avatar¹ é o que há de mais complexo já foi feito no cinema até hoje; várias das tecnologias empregadas para a sua realização foram concebidas especialmente para o filme, e a obstinação do diretor em superar os obstáculos para a concretização de seu projeto deixa claro que, para a atual indústria cinematográfica, o “impossível existe”.

Assim surgem questões relevantes na reflexão do filme Avatar e o Meio Ambiente aplicados em sala de aula para os educandos:

. Como sensibilizar para a problemática ambiental uma sociedade cada vez mais imersa nas próprias criações e desejosa de todo o avanço que o desenvolvimento tecno-científico permite obter?

. Se, para alguns, esse filme representa a irrefreável capacidade criadora do ser humano diante dos desafios postos para a concretização de seus propósitos, para outros, ele pode funcionar como uma espécie de “avatar de nós mesmos”, levando tanto o indivíduo quanto a sociedade como ser social a questionarem de forma mais consistente a essência e os limites de nossas responsabilidades perante os problemas ambientais?

. E, Será que os atuais projetos emancipatórios, bem como a vontade política de transformação social, assumam posições mais imperativas perante esses problemas e, com isso, passemos a compreender,, mais objetivamente, o caráter de intervenção humana no ambiente natural?

Assim, o filme Avatar, como tema gerador, para as aulas de Meio Ambiente, promove uma reflexão sobre a importância da preservação do Meio Ambiente e o que podemos e poderemos fazer para que isso se concretize. Expondo a descrição do filme aplicado, bem como comentários relacionados a reflexão do mesmo prosperando para além do cinema posicionando-se em sala de aula em seu produto final que é a reflexão.

-
1. AVATAR (termo de origem hindu): corresponde à transfiguração de uma entidade divina no corpo humano, ou em um animal, ou seja, é a materialização na Terra de uma entidade divina; nome dado às encarnações de um deus. Transpondo o termo para o universo cibernético, é a representação virtual de uma pessoa, em geral uma projeção, daquilo que alguém gostaria de ser, ou mesmo de alguma situação com a qual gostaria de conviver. No contexto do filme, é a denominação dada a um corpo criado em laboratório, por meio de uma mistura de DNA humano com o código genético Na'vi, conforme veremos adiante. (Disponível em: <http://www.significados.com.br/avatar>. Acesso em: 10 Jan. 2016).

2 AÇÃO DESENVOLVIDA

A ação desenvolvida neste artigo envolve a reflexão da importância do filme Avatar como tema gerador para as aulas de Meio Ambiente em sala de aula.

Os passos dados têm como propósito fazer com que o alunado avance em seus questionamentos e possa apropriar-se de novos conceitos e ideias acerca do filme proposto.

A análise do filme Avatar junto às ocorrências do Meio Ambiente em que o vive ou circunda deve promover reflexões argumentativas que possam sugerir providências de preservação do Ambiente, por parte do estudante. Criando projeções positivas e solucionáveis para as questões ambientais em que o alunado vive.

Ao final, um mapa conceitual, bem como um relatório de intervenção socioambiental deverá ser produzido com a finalidade de promover possíveis mudanças preventivas ao Meio Ambiente.

2.1 Avatar: o filme¹.

O filme, que se passa em 2154 d.C., tem como cenário o fictício planeta Pandora – uma lua do planeta Polyphemus, no sistema de Alfa Centauro, a cerca de 4,4 anos-luz da Terra.

Sob a luz pálida e levemente amarelada da estrela Alfa Centauro A (estrela semelhante ao nosso Sol), um complexo ambiente abriga um mundo inebriante onde vivem múltiplas e peculiares formas de vida.

É nesse ambiente marcado por florestas luxuriantes (numa clara alusão à exuberância dos ambientes florestais tropicais) que encontramos os Na'vi, um povo nativo que toma a natureza como a própria essência de sua existência, premissa básica que ordena todas as ações dessa coletividade.

1. Sinopse extraída do filme Avatar: CAMERON, James. LightStorm Entertainment. 20th. Century Fox. Ficção Científica. USA. 2009. (Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-61282>. Acesso em: 11 Jan. 2016).

A história contada no filme tem início quando o ex-fuzileiro naval norte-americano Jake Sully é enviado a Pandora para participar de uma missão especial: “ocupar seu avatar” para, assim, penetrar no território do planeta e por ele circular livremente. O interesse dos humanos por Pandora explica-se pelo fato de que a empresa ali instalada deseja explorar as reservas de um mineral – o *unobtainium*, um supercondutor capaz de preservar suas propriedades à temperatura ambiente. Vale lembrar que esse recurso é encontrado apenas nesse planeta (em locais de grande atividade magnética). O problema é que a exploração do *unobtainium* só seria possível mediante grande intervenção no ambiente, o que certamente colocaria em risco todo o equilíbrio ali existente. Diante da iminente devastação ambiental, o povo Na’vi acaba se mobilizando contra toda e qualquer ação humana em seu território, o que desemboca num franco conflito. Em face dessa resistência, a corporação *Resources Development Administration* (RDA), empresa extratora do minério, emprega ex-soldados e ex-fuzileiros navais como mercenários, buscando intensificar a exploração do mineral cobiçado.

O embate entre o povo Na’vi e os terráqueos, conflito central do filme, entrelaça-se com a própria inserção dos humanos na trama, inserção essa dividida entre os interesses corporativo e militar, de um lado, e os interesses biológico e científico, de outro, o que denuncia as diferentes intenções do homem em relação aos recursos naturais do planeta Pandora.

Mediante o Programa Avatar, o código genético do ex-fuzileiro Jake Sully é combinado ao de um habitante Na’vi para a criação de um “avatar”, um híbrido constituído à semelhança do povo nativo, capaz de sobreviver no ambiente de Pandora, cujo ar é tóxico para o organismo humano. A missão desse avatar é justamente a de se infiltrar entre os Na’vi para desvendar o mecanismo de seu mundo e de sua organização coletiva. A estratégia é que ele repasse informações sigilosas à RDA, auxiliando-a a conseguir os seus intentos. Assim, a aventura desse híbrido – “batizado” Jakesully – pelo espaço de Pandora desvenda um mundo novo, marcado por um cenário de puro encantamento com suas luzes, cores e formas.

A aproximação de Jake Sully e Neytiri, princesa do clã Omaticaya, é definitiva para o encadeamento das ações que permearão o contato dos humanos com os Na’vi: ao apresentar o seu mundo ao avatar, Neytiri partilha não apenas os segredos e encantos do espaço físico em que vive (e defende), mas também os elementos que marcam sua cultura. O encontro dessas personagens é um verdadeiro desvelamento das qualidades e dos atributos que referenciam o caráter e a índole dos Na’vi. Um desvelamento tanto de natureza do palco de lutas, conquistas, disputas territoriais, dominação, exploração e enfrentamento.

2.2 A associação do filme e o Meio Ambiente.

A capacidade de se maravilhar com o espetáculo da natureza é uma singularidade da condição humana. O estado de espanto diante de um mundo rigorosamente ordenado e, por muito tempo, inexplicável levou o ser humano a desenvolver uma de suas qualidades mais essenciais, conforme ressalta o filósofo Álvaro Vieira Pinto: “a de refletir em ideias abstratas a realidade objetiva” (PINTO, 2005, p. 30).

Assim, a busca pela compreensão dos mistérios de um mundo perfeito, seja em seus detalhes mais extraordinários, seja em seus aspectos mais sutis e ocultos, faz desse maravilhamento um importante referencial para a formação do pensamento racional. O maravilhar-se diante do espetáculo do mundo tem sido, portanto, essencial para o estabelecimento de uma concepção filosófica relativa não apenas à natureza, mas também à vida e à essência do próprio ser humano.

Entretanto, ao confrontarmos o grau de espantamento humano em diferentes espaços e tempos, constatamos que o maravilhar-se atual difere bastante daquele observado em épocas passadas. Para o filósofo Álvaro Vieira Pinto, o fascínio causado atualmente pelas obras produzidas pelo ser humano surpreende muito mais que o maravilhamento causado pelas coisas da natureza, aspecto marcante da experiência humana em inúmeras civilizações.

Segundo PINTO (2005, p. 35):

[...] jamais o homem realizou tão triunfalmente seu domínio sobre as forças naturais e criou artefatos tão espantosos, conhecer tão profundamente os segredos dos processos atuais, tudo isso assegurando-lhe condições surpreendentes de conforto, segurança e dominação, esta concepção reedita o velho estado de espanto e maravilha, mas em face dos tempos que nos são dados.

Se, para muitos, aí se inscreve a origem de um dos maiores problemas que caracterizam o atual espaço-tempo mundial, evocando parte das incertezas que marcam a contemporaneidade, para Vieira Pinto, esse argumento é a confirmação de que o fenômeno do espantamento ou maravilhamento só pode ser entendido “em seu fundamento histórico e social”. À medida que os mistérios da natureza vão sendo desvendados, assim como seu mecanismo e seus processos, ampliando as possibilidades de utilização de diferentes recursos para a produção de artefatos capazes de satisfazer as novas necessidades humanas.

[...] o mundo deixa de se simplesmente o ambiente rústico espontâneo e se converte no ambiente urbano, na casa povoada de produtos de arte e, na época atual, de aparelhos que põem as forças naturais a serviço do homem. (PINTO, 2005, p. 37).

Nesse ponto, é importante resgatar os diferentes sentidos atribuídos ao termo natureza pelo pensamento ocidental – conceito amplamente utilizado tanto pela Ciência Natural quanto pela Ciência Social e que encontra em Marilena Chauí importante referência para as reflexões que aqui buscamos estabelecer. Começamos pela seguinte formulação da filósofa para explicar o significado desse conceito: em princípio, natureza é “tudo o que existe no universo sem a intervenção da vontade da ação humana” (CHAUÍ, 1995, p. 292).

Note-se que essa definição se opõe a tudo o que é “artificial” – considerando, inclusive, as substantivações daí advindas: artefato, artifício, técnico e tecnológico.

Segundo CHAUÍ (1995, p. 292), o termo natureza também pode ser traduzido como “o conjunto de tudo quanto existe e é percebido pelos humanos como o meio e o ambiente no qual vivem”. Tal conceituação engloba tanto “o conjunto das condições físicas onde vivemos quanto àquelas coisas que contemplamos com emoção”. A natureza é o mundo visível, como meio ambiente e como “aquilo que existe fora de nós, mesmo que provoque ideias e sentimento em nós”. Nessa construção, a natureza posiciona-se como algo externo à existência humana.

Mas há os que consideram que natureza não se restringe apenas à “realidade externa, dada e observada, percebida diretamente por nós”, devendo ser entendida como “um objeto de conhecimento construído pelas operações científicas, um campo objetivo produzido pela atividade do conhecimento, com o auxílio de instrumentos tecnológicos” (CHAUÍ, 1995, p. 292).

Segundo essa visão, a natureza, contraditoriamente, deve ser vista como algo dependente da intervenção humana, já que o objeto natural é produto de uma construção.

Feitas essas considerações, fica evidente que, enquanto para Ciência Natural a natureza é tida como algo independente das ações humanas, para a Ciência Social, ela decorre de uma intervenção social, o que reforça a ideia de que ela é também um objeto cultural. Daí a aproximação com o termo “cultura”, do verbo latino *colere*¹, que significa criar, cultivar, cuidar, tomar conta. Desse modo, natureza e cultura mantêm íntima ligação, já que, nessa perspectiva, “os humanos são considerados seres naturais, embora diferentes dos animais e das plantas” (CHAUÍ, 1995, p. 292).

Talvez encontrem aí o fundamento para a convicção de que, na luta pela causa ambiental, é imprescindível fazer com que o indivíduo conceba a natureza como parte integrante de sua própria natureza. No entanto, conforme desta Chauí, se deixada à sua própria sorte, a natureza humana, “tenderá a ser agressiva, destrutiva, ignorante, precisando, por isso, ser educada, formada, cultivada de acordo com os ideais de sua sociedade” (CHAUÍ, 1995, p. 293).

Com isso, a cultura passa a ser vista como uma segunda natureza, moldada pela educação e pelos costumes que são incorporados à primeira natureza. Na visão da filósofa Chauí, a segunda natureza é “uma natureza adquirida, que melhora, aperfeiçoa e desenvolve a natureza inata de cada um” (CHAUÍ, 1995, p. 293).

Assim, é o jogo envolvente da passagem da primeira à segunda natureza que dá sentido à própria natureza humana.

Outro dado dessa transição, ou seja, da passagem da primeira à segunda natureza, é que, ao apropriar-se dos recursos indispensáveis à sua sobrevivência, incorporando-se ao seu dia a dia, o ser humano acaba promovendo alterações no Meio Ambiente, modificando sua organização primitiva.

-
1. Colere: Disponível em: <https://pt.glosbe.com>. Acesso em 15 jan. 2016.

Com isso, a relação sociedade-natureza conforma uma permanente interação dialética, na qual o ser humano deve ser natural e como ser social. Nessa ótica, conceitualmente, o termo natureza estará sempre vinculado material e idealmente a uma prática social.

Se, o surgimento da vida se deu no meio natural, a história da humanidade constitui então a própria continuação da história da natureza. Assim, a natureza existe independentemente do ser humano, mas, para a humanidade, ela só manifesta seus atributos a partir do momento que estabelece uma relação transformadora com o trabalho humano.

Para PINTO (2005, p. 37), “o que se entende por natureza em cada fase histórica corresponde a uma realidade diferente”. Assim, continua dizendo que:

[...] se no início era o mundo espontaneamente constituído, agora que o civilizado consegue cercar-se de produtos fabricados pela arte e pela ciência, serão estes que formarão para ele a

nova “natureza”. De fato, tão realmente assim lhe parecem, que a falta deles é considerada estranha, vindo a caracterizar o estado de pobreza, de atraso.

Não por acaso, na conquista por mercados econômicos produtivos, comerciais e financeiros, o homem transforma o meio ambiente sem levar em conta os danos ecológicos e sociais dessas transformações.

Se admitimos que as criações humanas resultam de um curso evolutivo, devemos pensar que nenhuma evolução se concretiza sem que haja desorganização ou reorganização do que já está estabelecido. Se, por um lado, há inovações e criações, por outro, há destruições. Ao longo da história, o ser humano tem produzido coisas fantásticas e surpreendentes nas mais diferentes áreas do conhecimento. Entretanto, seu legado deixa claro que o drama da existência humana resulta de um intrincado jogo de contrastes, expresso pela ordem e desordem, organização e desorganização, criação e destruição, barbárie e civilização, gênese e morte (MORIN, 2007. p 70).

A demanda por novos recursos impôs ao ser humano a necessidade de expansão territorial. Esta, por sua vez, comprometeu não apenas o equilíbrio de muitos ambientes, mas a manutenção da própria vida no planeta, já que as formas de exploração aniquilaram inúmeras espécies, inclusive, vários povos ou sociedades. Paradoxalmente, o mesmo avanço técnico e científico que permitiu o estabelecimento do progresso humano, em vários setores, produziu também retrocesso, no qual o desrespeito à vida é o exemplo mais latente.

É nesse sentido que pautamos aqui a própria problemática ambiental, afinal, conforme anuncia Morin, desde o fim do século passado descobrimos que os “dejetos”, as “emanações” e as “exalações” do desenvolvimento técnico-industrial urbano, além de degradarem a biosfera, envenenam “irremediavelmente o meio vivo ao qual pertencemos” (MORIN, 2007, p. 71).

Desse modo, é preciso mensurar os limites do mito do progresso tecnológico como sendo este portador de toda a potencialidade de transformação “para o bem”.

Daí dizer que a racionalidade também anuncia a impotência perante certos problemas para os quais ainda parece não haver solução. Até que ponto, hoje, o maravilhamento do homem diante de suas próprias produções é maior que o estremecimento causado pelos efeitos nefastos de algumas de suas criações?

Ao analisar essa questão, MORIN (2007, p. 44) afirma:

Por toda parte e durante décadas, soluções presumivelmente racionais, trazidas por peritos convencidos de trabalhar para a razão e para o progresso e de não identificar mais que superstições nos costumes e nas crenças das populações, empobreceram ao enriquecer, destruíram ao criar. Por todo o planeta, o desmatamento e a retirada das árvores em milhares de hectares contribuem para o desequilíbrio hídrico e a desertificação das terras [...] A pseudofuncionalidade, que não considera as necessidades, não quantificáveis e não identificáveis, multiplicou os subúrbios e as cidades novas, convertendo-as rapidamente em lugares isolados, depressivos, sujos, degradados, abandonados, despersonalizados e de delinquência.

O entendimento é que “os denominadores do espaço capitalista” não foram capazes de conciliar progresso e desenvolvimento econômico com a preservação da natureza e, muito menos, com a qualidade de vida das pessoas. A constatação de que “o lucro capitalista sobrepõe-se às condições sociais de vivência do ser humano”, inevitavelmente, nos leva a acreditar que, de fato, “quanto mais avançamos mais nos ameaçamos”. (GOMES, 1988, p. 46).

O ser humano não conhece o limite de suas ações, para tal proporciona a si ou a outrem a possibilidade da existência infinita de recursos diversos da natureza, a qual é irreal, pois o finito é mais provável pela ausência de reestruturação natural dos produtos em seu tempo e espaço necessários.

Numa passagem de *Antígona*¹, obra clássica da dramaturgia mundial – escrita entre 444 a.C. e 442 a.C. –, que retrata os dilemas do homem, considerando-os no âmbito coletivo, Sófocles afirma: “[...] há muitas coisas terríveis, porém, nenhuma mais terrível que o homem”.

Passados tantos anos desde que foi proferida, resta saber até que ponto essa afirmação encontra algum sentido – ou mesmo legitimidade – em instâncias inscritas além do gênero dramático, anunciando-se como referência incontestável para a reflexão da realidade em que vivemos.

2.3 A aplicação da transmultidisciplinaridade² por meio do filme Avatar

Se concordarmos que os componentes curriculares: Geografia, História, Ciências, Arte, Língua Portuguesa, Matemática e as demais áreas de conhecimento, oferecem instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social, pensamos que o filme *Avatar* pode ser amplamente usado como ilustração, complemento, confirmação ou mesmo negação das abordagens relativas à relação sociedade-natureza trabalhadas em sala de aula.

Especificamos para este artigo, a área de Geografia, a qual sou formado e nesse olhar:

[...] podemos compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos, o que diferencia e o aproxima de outros lugares e, assim, adquirirmos uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com ele. (BRASIL, 2001, p. 99).

Assim, é preciso considerar que o espaço geográfico nada mais é que a manifestação, no território, das relações sociais, econômicas e políticas, que dizem como os recursos da natureza serão apropriados.

-
1. Disponível em: www.ebooksbrasil.org. Acesso em 16 Jan. 2016.
 2. Transmultidisciplinaridade é a possibilidade de unir variadas disciplinas num processo interno e externo curricular : Disponível em: <https://osmuroesdaescola.wordpress.com>. Acesso em: 16 Jan. 2016.

E é justamente aqui que situamos o paralelismo dos acontecimentos encadeados no filme com os atos da realidade contemporânea mundial e brasileira. Os elementos passíveis de serem extraídos dessa ficção suscitam grande interesse para a Geografia, descortinando, portanto, um vasto campo a ser investigado.

Se a história do planeta Terra nos desvela uma degradação ambiental, ela nos desvela também uma degradação do elemento humano. Daí a importância de recorrer ao ideário ético e humanístico do geógrafo Aziz Nacib Ab'Saber, para quem “ninguém escolhe o lugar, o ventre, a cor da pele, a etnia, a condição socioeconômica e sociocultural para nascer” e continua expondo que:

Isso nos obriga a ter uma responsabilidade com o ser humano, com o outro, que não pode ter limitações, independentemente dos lugares onde nasceram, já que podem ter nascido na rusticidade dos sertões ou na beira de igarapés, ou ainda na periferia pobre das grandes cidades. É uma responsabilidade ética e humanística que deve presidir o pensamento de todas as pessoas que têm um mínimo de esclarecimento e de moral humana (AB'SABER, 2009, p. 159).

Para Ab'saber, o valor do Meio Ambiente é exatamente esse, ou seja, fazer com que seus estudos contribuam para o cuidado com as relações humanas, relações entre os homens, as comunidades, as sociedades. De acordo com esse geógrafo, é preciso pensar que todos esses componentes do planeta, juntamente com a vida vegetal e animal, têm o seu *habitat* (AB'SABER, 2009, p. 145).

Desse modo, conforme afirma Jake Sully em fala extraída do filme, não há saída: “cedo ou tarde sempre temos de acordar”. Talvez repouse aí a maior reflexão que o filme *Avatar* permite realizar. Assim, no aspecto da problemática ambiental. Ao colocá-la no centro de sua trama, o filme propicia a realização de um amplo exercício reflexivo, sobretudo se transpusermos sua narrativa para as questões de nosso tempo.

Segundo SANTOS (2001, p. 296), de todos os problemas fundamentais que marcam o atual sistema mundial, a degradação ambiental talvez seja “o mais intrinsecamente transnacional”. De acordo com esse autor, dependendo do modo como for enfrentada, a questão ambiental “tanto pode redundar num conflito global entre o Norte e o Sul, como pode ser a plataforma para um exercício de solidariedade transnacional e intergeracional”. Para o autor, embora, com desfechos diferentes, o futuro está aberto a ambas as possibilidades, mas, mediante o acirramento dos antagonismos entre as forças produtivas globais e as relações de produção, a chance de a segunda opção concretizar-se como uma alternativa provável é cada vez mais difícil. O despeito que o filme *Avatar* retrata a questão ambiental de forma maniqueísta, circunscrevendo-a em um embate entre o “bem” (a natureza e o povo Na'vi) e o “mal” (a tecnologia e os humanos), pensamos que essa obra pode proporcionar um instigante estudo sobre a complexa relação que o homem estabelece com a natureza em diferentes espaços e tempos.

Analisar aquilo que “vemos” e “entendemos” nas representações de mundo que o cinema reproduz possibilita que (re)pensemos nossas concepções e visões de mundo e, por

consequente, os conceitos que possuímos ou que acreditamos possuir em relação a determinada realidade, bem como nossas posturas perante os problemas socioambientais.

A temática ambiental trabalhada a partir do filme *Avatar* pode ser o mote para a aquisição de novos conhecimentos em torno das dinâmicas e determinações relativas à sociedade e à natureza. De forma criativa, quem sabe, fica mais fácil o estudante reconhecer-se não apenas como parte integrante do espaço em que vive, mas principalmente, como agente das intervenções e transformações a que esses espaços estão permanentemente sujeitos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As respostas para as questões impositivas da parte introdutória deste artigo se resguardam no que é certo do desenvolvimento harmônico de uma sociedade que pressupõe a existência de um ambiente equilibrado.

Como afirma GOMES (1988, p. 32), dependemos de

[...] uma biosfera sadia como sistema integrado e autorregulado suficiente para dar continuidade a sua reprodução se o homem no processo de sua produção material respeitar as suas leis de funcionamento e evolução. Para tanto, há que se pautar por uma conduta superior orientada no sentido de tornar consciente e planificada a relação interdependente Homem-Natureza, a fim de que se possa criar um meio propício – nos parâmetros naturais e sociais – à vivência dos seres vivos.

Para GOMES (1988, p. 12), se o estudo da biosfera é fundamental para que se conheça a complexa interdependência do binômio homem-natureza e com isso sejamos capazes de “elaborar métodos de previsão biológica e ecológica”, na intenção de solucionar os problemas de caráter ambiental, é importante que consideremos também como o sistema mundial organiza os espaços de produção material, privilegiando modelos que permanentemente reafirmam os desequilíbrios naturais e sociais.

Se a humanidade, ao longo de sua existência, foi capaz de resolver problemas “como os que se referem aos fenômenos da Luz, do Sol e das estrelas” (PINTO, 2005, p. 38), instigada

pelo desejo de descobrir a origem de tudo é provável que a dolorosa experiência da degradação ambiental nos aponte outras direções para o entendimento da relação sociedade-natureza.

Está posto que a resolução dos problemas socioambientais exige soluções globais; sabidamente, o atual espaço-tempo mundial pouco avançará se as políticas que orientam o mecanismo produtivo não puderem contar com a solidariedade dos países ricos para com os países pobres, assim como se as gerações presentes não se comprometeram a olhar para as gerações futuras, obrigando-se a assumir as responsabilidades que lhes cabem no atual momento em que vivemos.

Assim, quem sabe o mito em que se baseia o filme *Avatar* nos faça reconhecer o quanto os relacionamentos estabelecidos em nossa época têm sido marcados por condutas autoritárias, individualistas, personalistas e até mesmo narcisistas. Por “sujeitos poderosíssimos que não se sentem devedores de lealdade ou de responsabilidade para com nenhum país, região, ou localidade dos sistema mundial” (SANTOS, 2001, p. 299).

Esperamos que esse reconhecimento nos permita resgatar o maravilhamento perante as coisas da natureza e as nossas próprias criações, fortalecendo assim a luta por um mundo melhor. E que nós, seres humanos, nos apropriemos do sentido das palavras pronunciadas por Jake Sully, no filme *Avatar*, incorporando-o a nossa luta: “O Povo do Céu nos mandou uma mensagem: que podem tomar o que eles quiserem e ninguém pode impedi-los. Mas nós mandaremos uma mensagem a eles [...] E mostraremos ao povo do Céu que não podem tomar o que quiserem... E que esta é a nossa Terra”.

REFERÊNCIAS

AB’SABER, Aziz Nacib. **O que é ser geógrafo**: memórias profissionais de Aziz Ab’Saber / em depoimento a Cynara Menezes. 2. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: História e Geografia / ministério da Educação. Secretaria da Educação fundamental. 3. Ed. Brasília: Secretaria de Educação fundamental, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

GOMES, Horieste. A questão ambiental: idealismo e realismo ecológico. **Terra Livre: Geografia e Questão Ambiental**, São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros/Marco Zero Ltda, n. 3, p. 33-54, 1988.

MORIN, Edgard. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonor F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2007.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraposto, 2005, v. 1.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib.; PAGANELLI, Tomokolyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

<http://www.significados.com.br/avatar>.

<https://osmurosdaescola.wordpress.com>.

<https://pt.glosbe.com>.

www.ebooksbrasil.org.